

Percussionista completaria hoje 80 anos. Viúva do artista comenta as celebrações em torno da data

LEONARDO VILA NOVA

“O primeiro instrumento é a voz. O melhor, é o corpo”, essa era uma das máximas de Juvenal de Holanda Vasconcelos, que hoje (2) completaria 80 anos de vida. O pernambucano Naná Vasconcelos fez do seu corpo - e de praticamente tudo à sua volta - intermediário entre nossos ouvidos e os sons do mundo, deixando um poderoso legado para a música brasileira e mundial.

Em conversa com a **Folha de Pernambuco**, a viúva de Naná, Patrícia Vasconcelos, comentou sobre a importância da obra e do acervo que ele deixou e as homenagens que o músico vem recebendo pela passagem da efeméride.

Vida e acervo

Patrícia e Naná foram casados por 17 anos, até a passagem dele, em 9 de março de 2016. Atualmente, ela administra a obra e o acervo físico deixado pelo artista, que não é pequeno.

“Tem instrumentos dele aqui no Recife, parte em Nova Iorque, e o tímpano que usava no Carnaval está em São Paulo. Também tem os figurinos que ele usou em cada ano de abertura”, cita Patrícia, que também reúne discos, fotos, vídeos, livros e outros elementos relacionados ao mestre Naná.

Eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo pela revista especializada *Down Beat* e ganhador de oito prêmios Grammy, Naná tocou com nomes incontornáveis do jazz e da música mundial, como Miles Davis, Don Cherry, Pat Metheny, Gato Barbieri, entre outros. Ao mesmo tempo, foi o brasileiro Naná que, por 15 anos, conduziu a abertura do Carnaval do Recife, no Marco Zero, conseguindo reunir diversas nações de maracatu.

“O legado de Naná é imenso. Foi ele quem introduziu o berimbau no

MARCOS PASTICHI/ARQUIVO FOLHA DE PERNAMBUCO



Naná Vasconcelos foi eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo

Cultura+ Homenagens ao mestre Naná

jazz. Ele se globalizou e fez música no mundo todo. Para entender a música de Naná, é preciso entender além disso dos maracatus, que é apenas uma célula”, diz Patrícia.

Reconhecimento

Pela passagem dos seus 80 anos, Naná recebeu e vem recebendo homenagens. No fim do ano passado, um megamural com sua imagem foi

feito na fachada do Edifício Guioimar, no centro do Recife, pela artista Micaela Almeida.

Desde o dia 17 de julho, o Itaú Cultural em SP abriga a Ocupação Naná Vasconcelos, que faz um passeio por sua trajetória artística. Na primeira semana, apresentações de quatro mulheres reverenciando a obra de Naná: Badi Assad, Lan Lanh, Silvanvy Sivuca e Anelis Assumpção. Nos dias 20 e 21 de julho, o Sesc

Pompeia foi palco do espetáculo “Amém & Amem - 80 anos de Naná Vasconcelos”, com Virgínia Rodrigues, Marivaldo dos Santos, Lucas do Prazeres e Zé Manoel.

“São muito importantes todas as homenagens que fazem a Naná. Quando se faz uma ação em homenagem a ele, as inspirações brotam novamente. Parece que as pessoas precisam desses estímulos”, diz Patrícia. Naná também é o

homenageado do festival Pernambuco Meu País, do Governo do Estado. Em cada cidade por onde passa, o festival é aberto com o espetáculo de mesmo nome, com direção do percussionista Jam da Silva e da coreógrafa Maria Paula Costa Rêgo, fazendo uma viagem por parte da obra autoral de Naná. De hoje a domingo (4), o evento está em Pesqueira.

Futuro

Devido à vastidão da obra, Patrícia acredita que outras ações são imprescindíveis. Além da catalogação dos instrumentos, que deve ser iniciada em breve, com recursos de emenda destinada pelo deputado estadual João Paulo, ela revela alguns desejos futuros: uma biografia e um filme sobre o músico.

A Casa Naná, cuja ideia inicial era funcionar na residência do casal, no Rosarinho, também está na mira de Patrícia, que está em diálogo com a Prefeitura do Recife para a definição do local. Para breve, Patrícia conta que será publicada uma fotobiografia de Naná Vasconcelos, que está sendo organizada pelo pesquisador Augusto Lins Soares.